

**Decifra-me ou devoro-te:  
a entrada do homem na civilização e o mal-estar contemporâneo**

*Solve my riddle or I'll devour you:  
Man's entry into civilization and contemporary unease*

Anderson Luis da Paixão CAFÉ<sup>1</sup>  
Adelmária Ione dos SANTOS<sup>2</sup>  
Paulo José de Oliveira DIAS<sup>3</sup>

### Resumo

A chegada de um novo ser humano ao mundo é sempre precedida de gritos e de choros que evidenciam o seu desconforto para com a civilização. Ainda que, nos três primeiros meses de vida, a criança desenvolva uma sensação oceânica, fundindo-se com o mundo, aos poucos, essa sensação de onipotência, onisciência e onipresença vai sendo substituída por regramentos morais, sociais e culturais que dão contornos à construção de sua subjetividade. Com base nessa reflexão, por meio de uma revisão de literatura, refletiu-se sobre o sofrimento humano enquanto elemento indispensável para a entrada e a permanência do sujeito na civilização. Na oportunidade, tratou-se sobre o mal-estar contemporâneo, alicerçado no imperativo da felicidade pautada na produção, no consumo e na utilização de bens e serviços. Por fim, espera-se que este artigo contribua para ampliar as discussões críticas e reflexivas sobre o comportamento psíquico humano na cultura contemporânea.

**Palavras-chave:** Mitologia grega. Psicanálise. Complexo de Édipo. Mal-estar na cultura contemporânea.

### Abstract

The arrival of a new human being into the world is always preceded by cries and weeping that reveal their discomfort with civilization. Even though, in the first three months of life, the child develops an oceanic feeling, merging with the world, little by little, this sense of omnipotence, omniscience, and omnipresence is replaced by moral, social, and cultural rules that shape the construction of their subjectivity. Based on this reflection, through a literature review, this article reflects on human suffering as an indispensable element for the subject's entry into and permanence within civilization. It addresses contemporary malaise, grounded in the imperative of happiness based on the production,

---

<sup>1</sup> Doutor em Difusão do Conhecimento, pela Universidade Federal da Bahia.  
E-mail: andersoncafe2011@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Ensino, pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).  
E-mail: adelmariaione@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar, pelo Instituto Realiza de Educação, Pesquisa e Extensão. E-mail: eusoupaulodias@gmail.com

consumption, and use of goods and services. Finally, it is hoped that this article will contribute to broadening critical and reflective discussions on human psychic behavior in contemporary culture.

**Keywords:** Greek Mythology. Psychoanalysis. Oedipus complex. Discomfort in Contemporary culture.

## Introdução

É muito provável que os amantes da sabedoria filosófica ocidental já tenham obtido a notícia, por meio de Nietzsche (1992), em *O nascimento da tragédia*, sobre o encontro dramático ocorrido entre o sábio Sileno e o rei Midas, esse último obcecado por dinheiro, posses e poder. Encontrado desacordado, após consumir vinhos e bebidas diversas, o sábio Sileno foi levado pelos soldados para encontrar-se com o rei Midas, o qual queria interrogá-lo sobre o sentido da vida.

Disposto a utilizar-se da sabedoria de Sileno, Midas providenciou, de imediato, um forte café, oferecendo-o ao sábio para que esse se restabelecesse o mais rápido possível. Restabelecido, Sileno agradeceu pela recepção e levantou-se para seguir o seu destino. Entretanto, antes de partir, Midas lhe pediu para responder a apenas uma pergunta: o que seria melhor para o homem?

Como todo verdadeiro sábio, Sileno parou, refletiu sobre a questão e proferiu uma única sentença: o melhor para o homem era não ter nascido e se nasceu o melhor para ele seria sair desse mundo o quanto antes. Apesar de essa sentença ter sido proferida na antiguidade grega, ainda hoje o sujeito contemporâneo tenta encontrar um sentido para a sua existência, apostando que a felicidade eterna seria possível por meio do total domínio do conhecimento técnico, racional, científico e instrumental, os quais lhes livrariam das contingências e dos acasos da existência.

Imersos em destinos trágicos que independem da vontade racional humana, o homem, desde a concepção grega, estaria subordinado aos desejos divinos e, por isso mesmo, impossibilitado de definir e ditar, por si mesmos, os rumos de sua própria história. Foi nesse cenário que o pai da psicanálise, Sigmund Freud, pensou sobre a constituição da subjetividade humana a partir da premissa de que existiria uma dimensão psíquica humana que estaria totalmente fora do controle racional dos homens e se constituiria na sua principal fonte de sofrimento: o inconsciente.

Foi estudando mitologia grega que Sigmund Freud formulou alguns dos maiores conceitos que estruturaram o campo psicanalítico. Dessa forma, noções como (1) narcisismo; (2) pulsão de vida (eros); (3) pulsão de morte (tânatos); (4) complexo de Electra e (5) complexo de Édipo passaram a fundamentar a tese de que o homem não era o senhor de si dentro de sua própria casa, visto ser constituído por forças psíquicas desconhecidas da consciência.

No complexo de Édipo, Freud argumentou sobre como o ser humano, desde a mais tenra idade, entra em conflito amoroso com os genitores na tentativa de transformá-los em objetos sexuais de satisfação de desejos pulsionais. Nesse embate, os genitores exercem a castração simbólica, introduzindo valores morais e sociais sem os quais a entrada e a permanência do homem, na civilização, ficariam impossibilitadas, gerando-lhes dores, angústias e sofrimentos.

Nesse contexto, este artigo abordou o sofrimento humano enquanto elemento indispensável para a entrada e a permanência do sujeito na civilização. Além disso, analisou o surgimento do mal-estar contemporâneo, fenômeno caracterizado pelo imperativo da felicidade e do bem-estar biopsicossocial dos sujeitos. Esta dinâmica se baseia em uma lógica hedonista na qual se busca o prazer absoluto, contínuo e ininterrupto e que visa tamponar toda e qualquer sensação de vazio e de incompletude existencial que possa gerar infelicidade, ou seja, a proibição do sofrimento parece produzir mais sofrimentos em tempos pós-modernos.

Ao dar prosseguimento na leitura deste artigo, encontra-se um texto estruturado da seguinte forma: apresenta-se esta breve introdução contextual; discute-se sobre o destino trágico de um dos maiores personagens da mitologia grega; aborda-se sobre o pecado original da contemporaneidade com a invenção da felicidade e discorre-se sobre a recuperação do espírito humano em tempo de infantilização da vida. Por fim, evidenciam-se algumas breves considerações finais.

### **Édipo Rei: o personagem tipicamente trágico do pensamento ocidental.**

O filósofo francês Luc Ferry (2022), na obra *A sabedoria dos mitos gregos*, destacou o papel didático e pedagógico das narrativas míticas na construção do pensamento ocidental ao ressaltar as distinções entre deuses e homens, pois todas as vezes em que esses últimos se arvoravam a ocupar o lugar dos primeiros surgiria, então, o

pecado original da *hybris*, caracterizado pela arrogância e pelo orgulho desmedido de homens querendo passar-se por deuses.

Desse modo, as narrativas mitológicas gregas colaboraram para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo sobre as limitações humanas e o mito de Édipo, nesse contexto, não foge a essa perspectiva que pretende evidenciar o início da inscrição simbólica das leis morais e sociais sobre o psiquismo humano, pois é preciso destacar que o referido mito evidencia um conflito no qual “[...] a criança começa a internalizar as proibições, a não realização do seu prazer primitivo e passa a amplificar sua consciência para o entendimento social e cultural em que está inserida” (RUFATO, 2024, p.86). Assim, o mito de Édipo, o qual muito influenciou o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, como já dito, foi de fundamental importância para a concepção de um dos maiores conceitos do campo psicanalítico, a saber; complexo de Édipo, ocasião na qual a criança experimenta as primeiras intervenções da grande maquinaria de recalque de desejos que perdurará durante todo o seu percurso existencial. Mas, afinal, quem foi Édipo Rei, o personagem mitológico que inspirou as escritas psicanalíticas do final do século passado?

No ano de 429 antes de cristo, o dramaturgo Sófocles, um dos mais importantes escritores de tragédias gregas da época, escreveu uma das peças gregas mais conhecidas no ocidente: Édipo Rei. Conta Sófocles (1990) que ao nascer, Édipo foi levado pelo seu pai e pela sua mãe, rei e rainha de Tebas, Laio e Jocasta, para uma consulta no oráculo de Delfos, de modo a saberem sobre o destino do recém nascido. Lá chegando, obtiveram a revelação de que Édipo, ao crescer, mataria o pai e desposaria a mãe, transgredindo duas das principais leis proibitivas do mundo grego: o parricídio e o incesto.

Extremamente assustados com as previsões do oráculo, Laio e Jocasta decidiram sacrificar o menino e, para isso, determinaram aos soldados que amarassem o pequeno Édipo de cabeça para baixo em uma árvore e o deixassem morrer. Entretanto, a criança foi encontrada viva pelos soldados de uma cidade vizinha, Corinto, que o levaram para Pólipo e Mérope, rei e rainha da referida cidade, cuidaram de Édipo até a idade adulta (SÓFOCLES, 1990).

Criado como filho legítimo de Pólipo e Mérope, Édipo cresceu acreditando ser esses os seus verdadeiros pais. Na idade adulta, Édipo resolveu ouvir o oráculo que, novamente, previu que ele mataria o pai e desposaria a mãe. Assustado, Édipo, acreditando que Pólipo e Mérope eram os seus verdadeiros pais, fugiu de Corinto para

Tebas. Nesse percurso, ele teria lutado com vários soldados, dentre os quais o seu verdadeiro pai, Laio, que é assassinado por Édipo. Para avançar e se tornar rei de Tebas, ele deveria decifrar o enigma do monstro grego e, caso errasse, seria devorado pelo mesmo (SÓFOCLES, 1990).

Em vista disso, Édipo decifrou o enigma e avançou para Tebas tornando-se o rei da cidade e casando-se com Jocasta, a sua verdadeira mãe, tendo com ela quatro filhos. Ao assumir o reino, Édipo se deparou com uma série de catástrofes que se abateu sobre a cidade, oportunidade na qual é chamado o profeta cego Tirésias, conhecido pela sua capacidade de prever futuros. Com a sua habilidade, o profeta descobriu que o próprio Édipo era a fonte de todas as desgraças, pois praticou duas grandes transgressões da cultura: matou o pai e desposou a mãe, sendo o seu destino trágico como previra o oráculo: Jocasta matou-se e Édipo furou os dois olhos.

Uma questão central a ser pensada a partir desta narrativa mítica é imaginar as razões pelas quais Freud tomou a história de Édipo para formular um dos principais conceitos da subjetividade humana: o complexo de Édipo. De acordo com o professor e psicanalista Fábio Belo (2020) é preciso destacar algumas questões do mito que, certamente, chamaram à atenção de Freud no reforço da tese do sujeito do inconsciente.

Na narrativa de Sófocles, percebe-se um Édipo que não se atentou suficientemente à moral e as leis impostas pelos deuses, pois, ao invés de traçar meios para enfrentar os fantasmas do seu destino, Édipo preferiu fugir das prescrições do oráculo como se fosse possível livrar-se das leis divinas para realizar a totalidade dos seus desejos, pois, conforme ressaltou Fábio Belo, “[...] Édipo não conseguiu ver quando estava vendo e, após ficar cego, passou a ver as leis divinas que ele deveria ter respeitado desde o início” (BELO, 2020, 9:54 - 10:31).

Esse é um dos aspectos centrais da psicanálise ao evidenciar que, para o homem entrar na cultura, parte de suas pulsões mais primitivas e agressivas é recalcada de modo que as regras morais, sociais e culturais, que forjam o ideal de eu, sejam incorporadas à estrutura psíquica do sujeito. Se a cultura impõe sacrifícios ao homem civilizado, é possível entender, conforme argumentou Freud (1930/2010, p.82), porque é difícil para ele ser feliz nela, pois é inegável que “[...] o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia as restrições dos seus instintos”. A partir do mito de Édipo, Freud estabeleceu uma espécie de código de conduta moral restritivo sobre a sexualidade

humana, cuja pretensão foi criar uma forma de gozo que pudesse ser segura socialmente e autorizada coletivamente.

Sendo assim, pode-se pressupor que o mito de Édipo serviu para Freud inaugurar outro conceito estruturante do campo psicanalítico que é o superego, o qual corresponde a uma instância psíquica, moral, emocional, cultural e social que pressiona o ego a conter desejos, pulsões, fantasias e pensamentos que possa desestabilizar o sujeito em face de sua convivência civilizatória.

Na dinâmica dos afetos do complexo de Édipo, o garoto tende a se apaixonar pela mãe (incesto) e rivalizar e matar o pai (parricídio), o mesmo ocorrendo com a garota que se apaixona pelo pai e rivaliza com a mãe, sendo esse, portanto, o modelo burguês da constituição psíquica e emocional da sociedade moderna ocidentalizada da qual Freud fazia parte e que buscava, por meio dos seus estudos, normalizar a forma de gozo que deveria ser autorizada coletivamente.

Espera-se que, a partir das linhas traçadas até aqui, já seja possível evidenciar que não há como o sujeito entrar na civilização desconsiderando as leis morais e sociais de sua época. Desprezar essas prescrições éticas é ter um destino trágico muito aproximado ao de Édipo, o tirano que quis fazer prevalecer os seus desejos em detrimento das leis divinas de seu tempo. À vista disso, os mecanismos de defesa do ego estarão sempre atentos para reprimir quaisquer tipos de desejos, fantasias, sonhos, histórias e memórias que porventura possam desestabilizar o ego por colocá-lo em contraponto à moral social de uma época e, com toda essa repressão dos afetos, não há como o sujeito escapar das angústias, dos desesperos e dos desamparos da existência.

### **A *hýbris* contemporânea: o homem-deus-razão e a invenção da felicidade**

Na cultura grega, como já ressaltada, a condição do homem estava marcada por incertezas, acasos e contingências que dominavam a cena de espetacularização do mundo, cabendo aos mortais, portanto, seguirem as determinações divinas, sendo que todas as vezes que essas leis fossem transgredidas, o homem cometeria o pecado original da *hýbris*.

Dessa maneira, apenas aos deuses era garantida a felicidade plena; a satisfação sexual infinita; o gozo incomensurável; o prazer desmesurado e o bem-estar absoluto, pois somente a eles era garantida a onipotência, a onipresença e a onisciência, cabendo

ao homem, como bem ressaltou o sábio Sileno, sair do mundo o quanto antes, visto que “[...] a sombra da morte estaria a sua espreita a todo o momento” (ZIEGELMANN, 2017, p.1).

Apesar de ser a cultura grega a única a atribuir plenos poderes aos deuses, parece que, na atualidade, experimenta-se um fenômeno interessante que é a sensação de que o sujeito da hipermodernidade, como denominou Lipovetsky (2004), metamorfoseia-se em uma espécie de deus supremo, surgindo, portanto, a entidade aqui denominada neste artigo de homem-deus-razão, uma figura tipicamente humana que alimenta o ideal fantasmático de que, por meio do domínio do conhecimento racional e científico, ele seria capaz de afastar todos os fenômenos que estivessem atrelados às noções do sagrado, do divino e do misterioso.

O homem-deus-razão, cujo ancestral mais próximo é o homem moderno cartesiano é aquele que, inspirado nos princípios da racionalidade técnica e instrumental, está sedento por eficácia, eficiência, previsibilidade, imediatismo, fluidez e excessos porque passaram a acreditar que “[...] cada um é responsável pelo seu destino e, portanto, responsável pelo seu sucesso ou fracasso” (EWALD; MOURA; GOULART, 2012, p.126).

Sentenciado a buscar a felicidade a qualquer preço, o homem-deus-razão foi forjado naquilo que Birman (2001) chamou de “cultura do espelho”, cujo princípio é a exaltação de si baseado na exacerbação do corpo e no investimento da imagem perfeita. Nesta cultura do narcisismo, como denominou o historiador Christopher Lasch (2023), o outro não é percebido como o diferente a ser reconhecido, mas o estranho a ser eliminado.

A frenética procura por sucesso baseado em parâmetros de competitividade e individualidade parece ter tornado a vida contemporânea uma arena calculista, cujo principal objetivo seria garantir, a qualquer custo, a maior previsibilidade possível dos fenômenos físicos, psíquicos e sociais, afastando tudo aquilo que estivesse associado às dimensões do acaso e das contingências, forjando, assim, uma pseudoideia de que seria possível uma felicidade permanente.

Freud (1930/2010), em um texto intitulado o mal-estar da civilização, já desconfiava dessa suposta felicidade plena ao realizar uma releitura da tragédia grega e apontar para os grandes paradoxos da constituição humana. De acordo com o pai da psicanálise, existem três principais fontes de sofrimento que são impossíveis de serem superadas pelos homens: (1) a constatação da dissolução do corpo no decorrer do tempo;

(2) a intimidação causada pelas forças dos fenômenos da natureza e (3) a relação conflituosa e violenta entre os homens decorrente do convívio social, sendo essa última a principal fonte de sofrimento humano.

A felicidade do homem-deus-razão, por tudo o que já foi dito, forjou-se nos pressupostos da razão técnica e científica moderna. O filósofo Friedrich Nietzsche (2011, p.19-20) ressaltou as características daqueles que inventaram a felicidade moderna ao destacar que esses eram “[...] os homens mais desprezíveis entre todos. Adoecer e ter desconfiança parecer-lhes-ão pecados. Todos quererão o mesmo, todos serão iguais; ter-se-á seu prazerzinho do dia e o seu prazerzinho da noite, mas reverenciará a saúde. - Descobrimos a felicidade – dirão os últimos homens, piscando os olhos”.

A partir da invenção da felicidade como pressuposto do domínio da razão sobre a emoção, ou, na linguagem Nietzscheana, do predomínio do espírito apolíneo sobre o dionisíaco, o homem moderno passou a acreditar na crença de que, por meio do conhecimento racionalizado e instrumentalizado, poder-se-ia controlar as adversidades da vida e garantir a felicidade plena.

No mundo da felicidade inventada, especialmente na contemporaneidade, o sujeito deve preencher o seu vazio existencial com o consumo crescente de produtos, mercadorias e serviços que os tornem imaginariamente mais fortalecidos psicologicamente. Neste mundo, os serviços, as experiências e as aventuras precisam ser vivenciadas em sua total radicalidade, mas tudo conquistado à custa de muita intensidade de trabalho a ponto de esse sujeito, como bem discutiu o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015), na obra *Sociedade do cansaço*, deprimir-se por esgotar-se na tentativa de encontrar um sentido para si fora dos padrões de desempenho estabelecidos por essa sociedade.

Na sociedade do desempenho, a ética é a da aceleração da produção e do consumo de mercadorias, ocasião na qual ocorre um apagamento da subjetividade dos sujeitos que passam a serem concebidos, apenas, como mais uma peça dentro da grande engrenagem produtiva que impulsiona o sistema de acumulação capitalista. Em vista disso, o homem-deus-razão isola-se; atomiza-se; esgota-se física e mentalmente e passa a permanecer isolado e indesejado pelos seus súditos.

Freud (1913/2013), em *Totem e Tabu*, evidenciou o quanto os primeiros ancestrais se fortaleciam no coletivo. Nos tempos mais primitivos da história antropológica, os primatas viviam e se fortaleciam a partir das experiências coletivas, mas, hoje, funcionando sob a égide da sociedade do desempenho e do cansaço, o homem-deus-razão

se encontra isolado socialmente e, com isso, o medo, a insegurança, a apatia social e o desinteresse pelas causas coletivas vão dando notícias da fraqueza e do mal-estar contemporâneos, pois, em crise, os homens não conseguem sustentar as faltas e, portanto, os próprios desejos que os constituem psiquicamente.

### **Recuperando o espírito humano em face da infantilização contemporânea**

Diz-se que cada período histórico produz as suas próprias verdades. Na antiguidade ocidental experimentou-se um tipo de crença baseada em conhecimentos sobrenaturais e na idade média vigorou uma espécie de saber atrelado às concepções religiosas cristãs que, ainda hoje, exercem fortes influências em todo o mundo. Já na modernidade, observou-se a emergência de um tipo de verdade vinculada a uma concepção racional e científica que prometia iluminar a razão humana, livrando-a da obscuridade medieval.

A grande promessa da modernidade estava esculpida sob a crença de livrar o homem de suas angústias e dores existenciais, sobretudo em relação a sua concepção de finitude e mortalidade, pois a ciência, ancorada sobre os pressupostos da anatomia, da fisiologia e da medicina investigativa moderna, estudaria profundamente o funcionamento do corpo, sendo capaz de identificar e combater patologias as quais se manifestavam de forma silenciosa e que colocava, em risco, o projeto de vida em abundância.

Na modernidade, o conhecimento racionalizado inventou um tipo de felicidade associado à capacidade de rastreamento e de previsibilidade das desgraças humanas, pois as patologias do existir precisavam ser devidamente diagnosticadas, cabendo à razão fazer o uso adequado do instrumental científico para realizar o devido manejo clínico. Na pós-modernidade “[...] a felicidade já não está no aprimoramento da razão e no investimento em um projeto coletivo de progresso, mas no consumo, na satisfação individual de prezares e nos sucessos de toda ordem” (FURTADO, 2024, p.64).

O imperativo da felicidade baseado na produção, no consumo e na promessa de um gozo hedonista ininterrupto e individualizado parece ser a nova ordem da sociedade contemporânea que se tornou fóbica a qualquer possibilidade de dor e de sofrimento, pois qualquer coisa que não seja alegre ou prazerosa precisa ser imediatamente descartada sem deixar nenhum tipo de rastro que possibilite o resgate de memórias.

Em uma obra que trata sobre distopias, Aldous Huxley (2014) revelou o surgimento de um tipo de civilização, em Admirável mundo novo, na qual todos os indivíduos eram excessivamente controlados. O imperativo da felicidade era garantido pela proibição de pensar, refletir e de ter acesso a quaisquer tipos de saberes e conhecimentos não autorizados que pudessem levar os sujeitos ao encontro de si mesmos. Nesse percurso, caso os sujeitos manifestassem algum tipo de sentimento desagradável, entrava em cena um dispositivo chamado “soma”, o qual promovia um esquecimento total de sentimentos desagradáveis para manter o controle e a estabilidade social.

Assim, os antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos dos tempos atuais parecem ser os verdadeiros “soma” do romance distópico de Huxley (2014) os quais são constantemente receitados pelos deuses psiquiatras contemporâneos os quais, sob o pretexto de estarem colaborando para amenizar as dores e os sofrimentos humanos, ratificam a total intolerância contemporânea ao sofrimento. O direito à felicidade plena pelo consumo de bens, mercadorias e serviços é o verdadeiro imperativo da sociedade contemporânea não havendo nenhum “[...] espaço para o sofrimento, pois quando ele aparece, deve ser medicado o quanto antes para voltarmos a funcionar normalmente” (FURTADO, 2024, p.74).

Eliminar de qualquer forma o sofrimento da experiência humana é tornar o sujeito extremamente frágil em sua existência. Isto posto, faz-se necessário lembrar-se do quanto Édipo tornou-se vulnerável ao tentar fugir desesperadamente das previsões catastróficas do oráculo, optando por fazer-se cego, quando ainda enxergava. Ao suprimir os conflitos humanos com prescrições de antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos elimina-se, também, a possibilidade de o sujeito enxergar a si mesmo e vivenciar as suas dores e sofrimento, de modo a integrá-las à sua experiência psíquica e emocional, o que exige, por sua vez, uma experimentação temporal totalmente contrária à lógica de produção e de aceleração da cultura contemporânea.

Dessa maneira, uma questão central em toda esta discussão é pensar de que forma o sujeito contemporâneo pode criar outra relação com o tempo e, a partir desse outro modo, recuperar o espírito humano em face da infantilização dos tempos atuais? Talvez se possa apostar na concepção grega de cuidado de si, a qual influenciou diversos pensadores ocidentais, dentre eles o filósofo francês Michel Foucault.

O cuidado de si exige dos sujeitos contemporâneos uma relação diferente com o tempo que necessita ser muito distinta da lógica de aceleração da produção e do consumo,

pois como ressaltou Furtado (2024, p.111-112), se torna cada vez mais raro encontrar sujeitos que se entreguem “[...] ao tempo lento do pensamento. O indivíduo se submete voluntariamente a um tempo que já não é o da existência, de suas vontades, de seus desejos e de seu corpo, mas sim o da continuidade da produção, do lucro, do consumo”.

A negação ao ócio, chamada de neg-ócio, parece ser o pressuposto que sustenta eticamente a sociedade contemporânea e que tem afastado o sujeito da possibilidade de encontrar-se com o tempo da não produção; com o tempo da libertação; com o tempo da ludicidade; com o tempo da observação; com o tempo despretensioso do nada querer. Enfim, o neg-ócio é esse ente contemporâneo que pretende afastar o homem do tempo perdido que é tão necessário para reposicioná-lo em face das delícias e das dores de ser e estar no mundo com os outros.

Encontrar-se com o tempo perdido é reaprender a desfrutar o tempo lentamente; é saborear cada minuto da existência como se fosse o último; é domá-lo; dominá-lo e não render-se ao tempo da produção e do consumo. Reaprender a gastar o tempo é estar disposto a escutar-se; a escutar o outro; é ser capaz de perceber a presença de tantos outros que são tão singulares que são impossíveis de serem unificados. É nesse movimento de libertar-se da prisão do tempo produtivista que o sujeito contemporâneo poderá abrir-se para a plenitude do mundo, o percebendo para muito além das sombras da caverna consumista e produtivista que constitui o *ethos* da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, reaprender a gastar o tempo é abrir-se para experiências de autoconhecimento; é estar disposto a praticar meditação; é cuidar da saúde física e emocional desprovido de ideais consumistas; é religar-se com o divino por meio da espiritualidade; é praticar o silêncio; a quietude; a paciência; a observação; a escuta de si e dos outros que, muito provavelmente, ajudarão os sujeitos pós-modernos a darem novos sentidos e significados às suas andanças mundanas.

Essa caminhada, entretanto, demanda muito mais do que o compromisso individualizado do sujeito, pois, como já dito neste artigo, esse fortalecimento se efetiva, sobretudo, no coletivo. É no encontro com os outros que o sujeito se fortalece, sentindo-se parte de uma comunidade. É no abraço com o outro; é no acolhimento das rodas de conversas; é no carinho de familiares e amigos que o sujeito desenvolve o seu senso de pertencimento social, sendo a arte, portanto, o dispositivo por excelência capaz de devolver ao homem a sua humanidade porque estimula a criação e a invenção, atributos que foram totalmente usurpados pela lógica de acumulação capitalista que transformou

os corpos dos sujeitos em produtos e mercadorias a serem comercializadas no mercado de bens materiais e simbólicos.

### Considerações finais

A chegada da criança ao mundo é marcada, de modo geral, por gritos e choros de desesperos e desamparos que evidenciam o incomodo do infante em relação a sua entrada na civilização. De acordo com Sigmund Freud, esse desconforto não tende a cessar na infância, mas se prolonga por toda a vida desse sujeito porque, para permanecer na civilização, o sujeito recalca parte de suas pulsões e desejos, dando lugar aos regramentos morais, sociais e culturais, sem os quais a convivência coletiva seria impossível.

Posto isso, este artigo buscou trazer breves reflexões sobre o sofrimento humano enquanto elemento indispensável para o sujeito adentrar e permanecer na cultura e, para isto, resgatou-se a histórica de Édipo Rei, um personagem da tragédia grega escrita por Sófocles, em 429 antes de cristo, que inspirou Freud na construção do conceito de Complexo de Édipo, o qual é estruturante para o campo da psicanálise.

Após evidenciar o quanto a tirania dos desejos de Édipo o deixou totalmente cego para as contingências e aos acasos da existência, este artigo resgatou a discussão sobre a invenção da felicidade, caracterizada pelo surgimento do homem-deus-razão, uma espécie de sujeito que se orienta por um tipo ideal imaginário que pensa ser possível, a partir do domínio do conhecimento científico e racional, afastar tudo aquilo que estivesse relacionado ao sagrado, ao mistério e ao desconhecido, livrando-se, por definitivo, das angústias e dos sofrimentos da existência humana.

Se o homem moderno pensou ser possível inaugurar um projeto coletivo baseado na valorização da razão para conter os afetos e as paixões tristes, na contemporaneidade avançou-se para uma perspectiva de total objeção a tudo aquilo que não correspondesse à felicidade. O imperativo da felicidade é o que caracteriza o homem contemporâneo que busca tamponar os vazios existenciais com o consumo de mercadorias, produtos e serviços que lhe garantam o gozo hedonista contínuo e ininterrupto à base de um tempo acelerado nos moldes do capitalismo avançado.

Neste cenário, o texto destacou que se faz necessária a construção de uma outra relação com o tempo, de modo que o sujeito contemporâneo possa ressignificar o seu sentido de ser e de estar no mundo com os outros. Assim, o tempo da produção precisa

ser substituído pelo tempo do cuidado de si; pelo tempo desprezioso do nada querer; pelo tempo da observação; pelo tempo da liberdade. Recomendou-se a necessidade de se reaprender a gastar o tempo em uma sociedade que transformou os corpos dos sujeitos em produtos e mercadorias a serem comercializadas no mercado de trocas materiais e simbólicas.

Por último, espera-se que este artigo colabore para ampliar as discussões críticas e reflexivas sobre a infantilização na sociedade contemporânea marcada pela ditadura da felicidade que visa tamponar os buracos e os vazios da alma humana estimulando o consumo crescente de mercadorias e de serviços, como se fosse possível preencher as angústias humanas com esses produtos, o que demonstra que apostar em uma tirania da felicidade a qualquer custo é fragilizar e enfraquecer o ser humano que, em tempos pós-modernos, desaprendeu a tirar lições dos seus próprios sofrimentos e orgulhar-se pela sua capacidade de superar os obstáculos e as dificuldades do caminhar existencial.

## Referências

- BELO, F. **Complexo de Édipo**: parte 1. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wk88mJ2Dqco>>. Acesso em 24 out. 2025.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- EWALD, A.P.; MOURA, M.T.C; GOULART, S.M.S. Contemporaneidade e sofrimento psíquico: relações entre modos de vida e demandas psicoterapêuticas. **Psicol. Argum.** v.30, n.68, p. 119-129, jan./mar. 2012.
- FERRY, L. **A sabedoria dos mitos gregos**: aprender a viver II. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.
- FREUD, S. **Totem e Tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Pinguim e Companhia, 2013.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** [1930]. In: Obras Completas. Vol. 18 / Sigmund Freud; Tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FURTADO, M. **O lugar do sofrimento na cultura contemporânea**: reflexões sobre a medicalização da existência. São Paulo: Sumus editorial, 2024.

- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. 22. ed. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2014.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes**. Tradução Bruno Colbachini Mattos. São Paulo: Fósforo editora, 2023.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. **Assim falava zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- RUFATO, F.D. **Saúde mental e adoecimento psíquico na contemporaneidade: um diálogo entre a psicanálise e a psicologia histórico-cultural**. Curitiba: CRV, 2024.
- SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Tradução do grego e apresentação de Mário da Gama Kury. São Paulo: Zahar, 1990.
- ZIEGELMANN, L. **Saúde mental e a condição humana contemporânea: o desencontro**. [2017?]. Disponível em:  
<<http://ghc.com.br/files/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana%20contempor%C3%A2nea%20e%20a%20sa%C3%Bade%20mental%20-%20Luiz%20Ziegelmann.pdf>>. Acesso em 24 out. 2025.